

Platão, Timeu e Crítias  
N. de Paula (Trad.)  
São Paulo, HEMUS, 1996.

## TIMEU

Sócrates, Timeu, Hermócrates, Crítias

S – Um, dois, três. Porém o quarto, meu caro Timeu, o último dos que ontem festejei aqui, e que me convidaram, onde está?

– 17 – *Prólogo*

T – Alguma fraqueza deve dele ter-se apossado, ó Sócrates, pois não é voluntariamente que ele faltaria a esta reunião.

S – Não seria pois vosso ofício, e o dos outros, também fazer as vezes do ausente?

T – Asseguradamente, e na medida de nossas forças, não falharemos. Não seria também correto que após termos sido ontem por vós tratados como a anfitriões, nós, os demais, vos retribuíssemos a gentileza?

S – Mas porventura recordai-vos que perguntas propus e quais as que devo comentar?

*Recapitulação  
do Estado ideal*

T – Recordamo-nos de algumas. Quanto às que tivermos esquecido, aqui estareis para nò-las recordar. Ou ainda, se não vos é incômodo, revisai-as brevemente desde o começo, a fim de certificarmo-nos de nossas lembranças.

S – Assim seja! Então, pois, as proposições que vos apresentei sobre o Estado remontavam principalmente ao seguinte: saber qual é, na minha opinião, o melhor governo, e por que espécie de homens deve ser exercido.

T – Exatamente, Sócrates, e o que dissestes agradou-nos sobremaneira.

S – Assim, por exemplo, não havíamos de início separado, no Estado, a espécie dos cultivadores e todo o artesanão, da espécie dos que devem por eles combater?

T – Sim.

18 – S – E segundo sua natureza, não atribuímos a cada espécie uma só tarefa apropriada, um só ofício? Não dissemos que aqueles que devem fazer a guerra por todos, devem ser unicamente os guardiães do Estado contra quem quer que seja, do exterior, ou mesmo do interior, que queira perpetrar algum malfeito? E que esses guardiães devem fazer justiça com doçura aos que comandam, mas devem se fazer implacáveis nos combates contra os inimigos que encontram?

T – Certamente.

S – E é realmente preciso, dizíamos, creio, que a alma desses guardiães seja de natureza a um tempo ardorosa e moderada a fim de que possam, conforme o caso, mostrar-se benfazejos ou terríveis.

T – Sim.

S – E quanto à educação? Não dissemos que devem ser exercitados na ginástica e na música e em todas as ciências que lhes sejam apropriadas?

T – Por certo.

S – E foi ainda dito que os eleitos da sorte não deveriam considerar de seu próprio bem nem ouro, nem prata, nem nenhuma riqueza. Mas, assim como os defensores, receberiam daqueles a quem protegem o salário de sua guarda, o qual será moderado, como convém a um sábio. Dispensá-lo-iam comunalmente e viveriam juntos, tendo uma só ocupação: a da virtude, e negligenciando qualquer outro cuidado.

T – Isso também foi dito adequadamente.

S – E, no tocante às mulheres, assinalamos que se deve harmonizar sua natureza com a dos homens, até torná-la semelhante à destes, e dar-lhes a todas as mesmas ocupações dos homens, seja quanto à guerra, seja quanto ao resto.

T – Sim, isso também foi dito, e dessa maneira.

S – E quanto à procriação das crianças? Não é fácil nos recordarmos do que dissemos devido ao seu insólito? O que concerne aos casamentos e às crianças, que fizemos comum a todos. Não tomamos medidas para que ninguém jamais pudesse reconhecer como seu o nascituro, para que todos se con-

siderassem da mesma linhagem, vendo como irmãos e irmãs a todos os que o poderiam ser, por sua idade, pais e avós em todos os que tivessem nascido antes, filhos e netos em todos os que mais tarde tivessem vindo ao mundo?

T — Sim, e isso é fácil reter, da forma como dizes.

19 — S — E, para que ao máximo nascessem as crianças com o acréscimo da melhor natureza possível, não nos recordamos ter decidido que as autoridades, homens e mulheres, deviam maquinar em segredo a determinação dos casamentos, com o auxílio de sorteios, de modo que, cada um a seu turno, maus e bons, encontrem-se unidos às mulheres suas semelhantes, sem que nenhum possa conceber aversão por essas autoridades, cada um atribuindo ao acaso a causa de sua união?

T — Nós nos recordamos.

S — Também não dissemos, por outra, que se deveria criar somente as crianças dos bons, e as dos maus, transportá-las secretamente a outra região? Depois, à medida que crescessem, não se cessando porém de mantê-las sob observação, chamar de volta as que fossem dignas e substituí-las pelas que se tornassem indignas de convívio?

T — Isso mesmo.

S — Bem, o que dissemos ontem, não revisamos sumariamente, ou então amigo Timeu, devemos

lamentar alguma omissão?

T — Absolutamente; é exatamente isso o que dissemos, ó Sócrates.

S — Então, conheci agora, a propósito do Estado que vos descrevi, que espécie de sentimento experimentei à sua vista. Esta impressão assemelha-se àquela quando, tendo visto alguns belos seres vivos, quer figurados em pintura, quer mesmo vivos, porém em repouso, experimentar-se-ia o desejo de vê-los por si mesmos colocar-se em movimento, e realmente vê-los efetuar alguns exercícios que pareçam convir a seus corpos. Do mesmo modo, é o que sinto em relação ao Estado de que percorremos o plano: deleitar-me-ia ouvir contar que as lutas, que sustentam um Estado, este também as afronta contra outros Estados. Que marche como deve, para a batalha, e que durante a guerra, mostre-se digno da instrução e da educação dada aos cidadãos, seja em suas operações, seja em suas negociações em relação a cada um dos outros Estados. Mas para isto, ó Crítias, e vós, ó Hermócrates, reconheço-me incapaz de fazer apropriadamente o elogio de tais homens e de sua cidade. Quanto a mim, isso não surpreende. Adquiri a mesma opinião quanto aos poetas, tanto dos tempos passados quanto de hoje. Não que eu deprecie a raça dos poetas. Mas é evidente a todos os olhos que a tribo dos imitadores imitará muito facilmente, e bem, os espetáculos entre os quais foi criada. Contrariamente, é difícil imitar bem em ações, e mais ainda em palavras, um mundo ao qual se é estrangeiro pela educação. Quanto à espécie dos sofistas, tenho-a por experta em discursos e outras belas cousas,

*O tema: o Estado ideal em ação*

mas receio que, vagabundando de cidade em cidade, e jamais em nenhum lugar tendo domicílio próprio, não esteja em condições de compreender aquilo que homens a um tempo filósofos e políticos, que agem na guerra ou nos combates, que se hão com seus afazeres, seja por suas ações, seja por seus discursos, possam cumprir e dizer. Resta, pois, a espécie de pessoas que sois, que, por natureza e educação, participam tanto da filosofia quando da política.

20 – Timeu, que aqui vedes, cidadão da cidade tão bem governada Lócrida, na Itália, e que nada deixa a dever, pela fortuna e pelo nascimento; que participou das maiores dores e das maiores honras de sua pátria, elevou-se, ao menos para mim, aos cumes de toda filosofia. De Crítias, sabemos quase todos que não é novato em nada do que nos ocupa. E que o natural e a educação de Hermócrates o tornam próximo de tudo isso, leva-nos a crer em múltiplas garantias. Eis por quê, quando ontem me demandásteis percorrer o que tange ao Estado, cordialmente consenti, após reflexão, sabendo que ninguém melhor que um de vós poderia, se o quisesse, tomar a seqüência de minha exposição. Pois após o Estado estar pronto a sustentar uma guerra honrosa, apenas vós, efetivamente, poderíeis fornecer-lhe tudo o que seria necessário a essa guerra. E agora que cumpri minha tarefa, já vos assinalei, por meu turno, tudo o que indiquei. Conviestes em oferecer-me a hospitalidade dos discursos. Eis-me pronto para aceitá-la e cheio de disposição para receber tudo o que me oferecereis.

H – Certamente, ó Sócrates, como aqui disse Timeu, a boa vontade não nos faltará, e não temos pretexto algum para nos subtrairmos este trabalho

neste ponto, que desde ontem, indo daqui da casa de Crítias até o alojamento onde somos acolhidos, e mesmo antes, ao longo de todo o caminho, examinamos precisamente esse assunto. Ora, Crítias nos fez então um relato consoante arcaicas tradições. Tal relato, ó Crítias, reconta-o agora para Sócrates, a fim de que julgue se é ou não utilizável para o que nos prescreveu.

C – É o que se deveria fazer, se todavia nosso terceiro amigo, Timeu, estiver de acordo.

T – Certamente que concordo.

C – Ouvi pois, Sócrates, uma singularíssima história, porém absolutamente verdadeira, pelo que uma vez dissera Sólon, o mais sábio dos sete sábios. Ele era, ademais, parente de Drópidas, meu antepassado avô e muito seu amigo, como diversas vezes o confessou em seus versos. Contou então a Crítias, meu avô, assim como este último, em sua velhice, apreciava recordar-se em minha companhia, quão grandes maravilhosos feitos executados por esta cidade estavam votados ao olvido pelo efeito do tempo e pela morte dos homens. E um desses feitos foi o maior de todos. Talvez conviria rememorar-nos ao mesmo tempo para vos agradecer e para celebrar dignamente e verazmente à Deusa nesses dias de festa, como se cantássemos um hino em seu louvor.

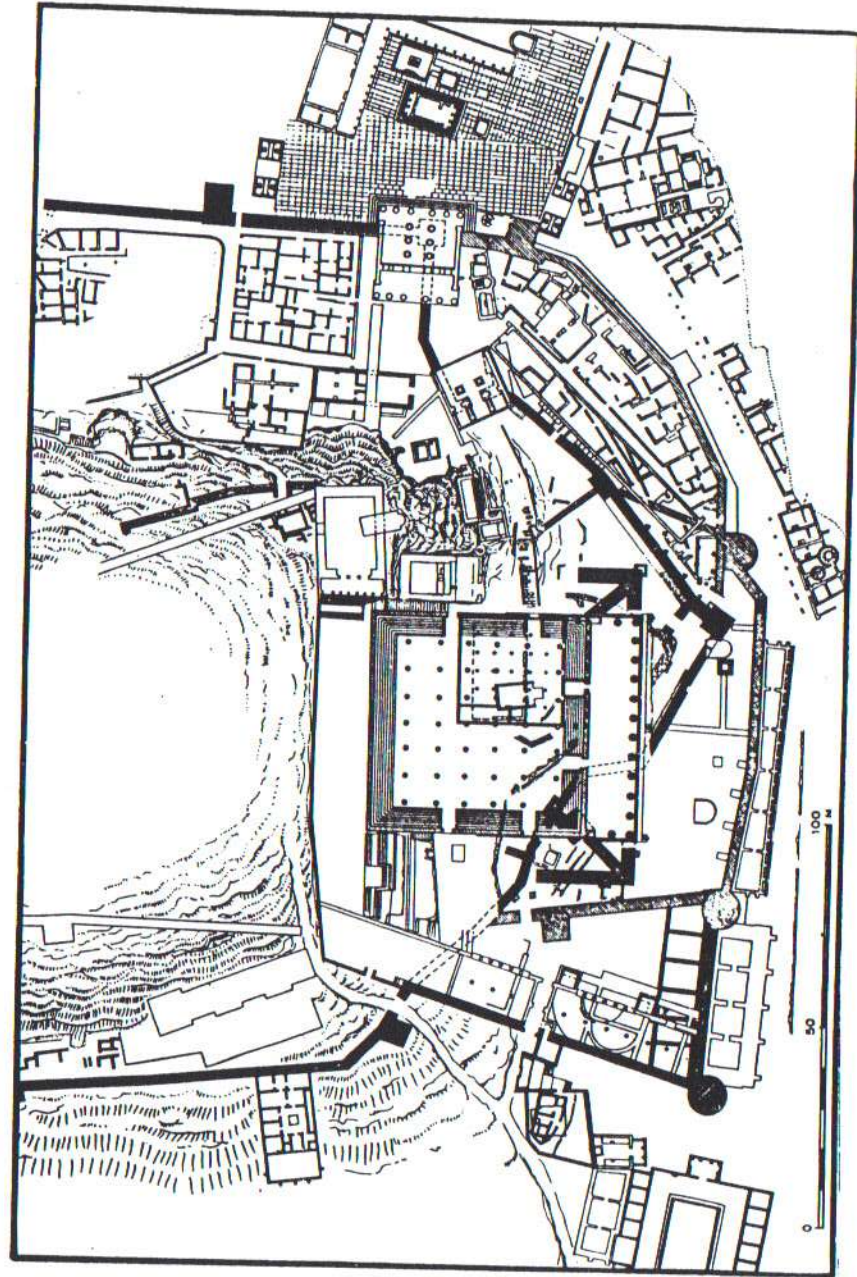
S – É bem posto. Mas qual é esse feito que Crítias narrou, não como simples ficção, mas como elevado gesto real e antigamente levado a cabo por esta cidade, consoante o que foi ouvido de Sólon?

- 21

C — Contar-vos-ei a velha história que escutei da boca de um ancião. Pois Crítias tinha então, pelo que dizia, quase oitenta e dois anos, e eu, no máximo, dez. Encontrávamo-nos no dia de Cureótis, durante as Apatúrias. A cerimônia se desenrolava na ocasião, como de costume, para nós crianças. Efetivamente, nossos pais propuseram-nos concursos de declamação. Recitaram-se muitos poemas, de muitos poetas, e como naquele tempo, as poesias de Sólon ainda eram novidade, muitas dentre as crianças as cantaram. Ora, alguém de nossa fratria, seja por sinceridade, seja por querer agradar a Crítias, declarou que Sólon não só lhe parecia ter sido o mais sábio dos homens, mas igualmente, por seu talento poético, o mais nobre de todos os poetas. O ancião, muito bem me recorde, ficou encantado, sorridente, e disse: “Sim! Ó Aminandro, se Sólon não tivesse versejado simplesmente por passatempo, se fosse aplicado como outros, se tivesse terminado a narrativa que trouxe do Egito, se não tivesse sido forçado pelas sedições e outras calamidades que aqui encontrou em seu retorno, a negligir completamente a poesia, na minha opinião, nem Homero, nem Hesíodo, nem nenhum outro poeta jamais celebrar-se-ia tanto quanto ele” — “E qual foi essa narrativa, ó Crítias?” disse Aminandro — “Concernia” disse Crítias, “o mais alto gesto, e que justamente mereceria ser o mais ilustre de todos os que esta cidade jamais cumpriu. Mas pelo efeito do tempo e da morte dos protagonistas, a história não chegou até nós”. — “Conte-o desde o início” disse Aminandro; “qual foi, como foi feito e de quem Sólon o escutou para tomá-lo como verdadeiro?”.

“Há no Egito” disse Sólon, “no Delta, perto de onde o curso do Nilo se divide, um certo nomo,

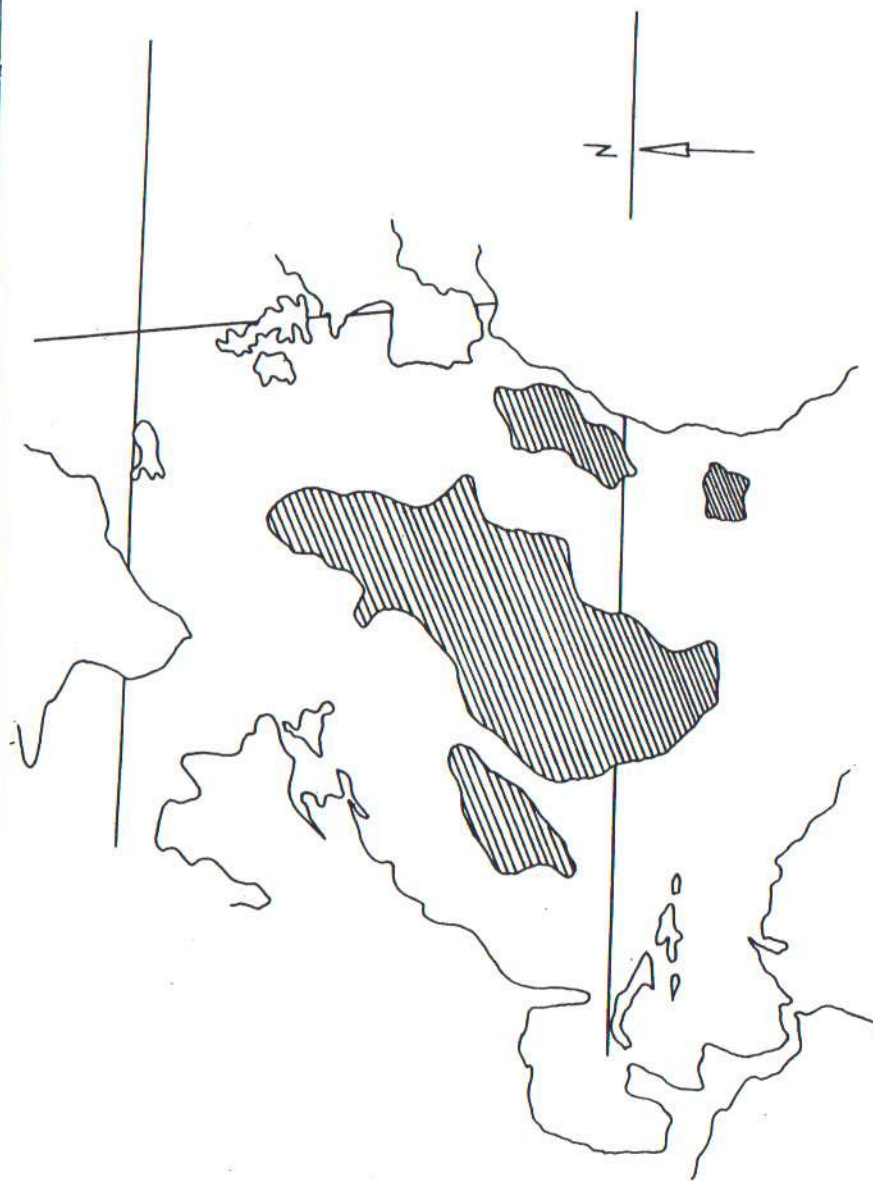
As fontes de  
Sólon



Aqui, um exemplo-diferente da arquitetura titânica, com inspiração "hiperbórea". Planta do santuário de Eléusis, centro dos principais mistérios da religião grega, nunca desvelados ao vulgo.

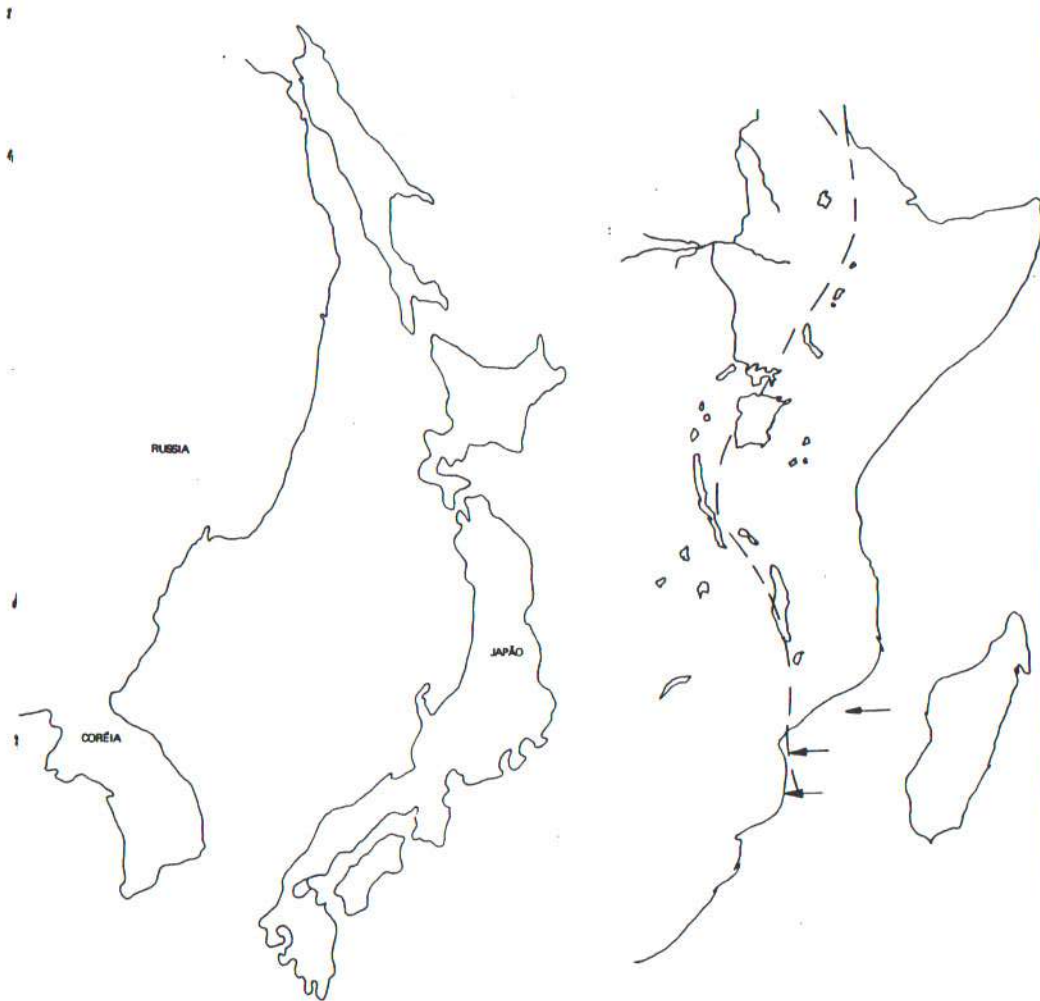
22 -

que é chamado Saítico, donde era oriundo o rei Amasis. Deste nomo a maior cidade foi fundada por certa deusa: em egípcio seu nome é Neith; mas em grego, ao que eles dizem, é Atena. Ora, esse povo é muito amigo dos atenienses, e afirmam-se, de certa forma seus parentes, Sólon contou que, chegando entre eles, recebeu grande consideração e, como um dia perguntasse sobre as antiguidades aos sacerdotes mais versados nessas matérias, descobriu que nem ele, nem nenhum outro grego, por assim dizer, nada sabiam. E uma vez querendo induzi-los a falar das cousas passadas, passou a contar-lhes o que temos por mais antigo. Falou-lhes de Foroneus, o que chamamos de primeiro homem; de Níobe; do dilúvio de Deucalião e Pirra das lendas que se contam sobre seu nascimento e das genealogias de seus descendentes. E esforçava-se, suputando os anos em que se passaram tais acontecimentos, por calcular sua data. No entanto, um dos padres, ancião, disse: "Sólon, Sólon, vós gregos, sempre crianças: um grego nunca é velho!" A essas palavras, Sólon: "Que quereis dizer?" — e o padre: "Sois jovens, o quanto sois por vossa alma. Pois nela não tendes nenhuma opinião antiga, nem nenhuma ciência encanecida pelo tempo. E eis a razão. Os homens foram destruídos, e o serão ainda, de muitas maneiras, pelo fogo e pela água; tiveram lugar as destruições mais graves mas as houve menores, de mil outras maneiras. Pois, o que se conta também entre vós, que certa vez, Faetonte, filho de Hélios, tendo atrelado o carro de seu pai, mas incapaz de dirigi-lo pela mesma paternal via, incendiou tudo o que havia na terra, perecendo também ele atingido pelo raio, é o que se diz em forma de lenda. A verdade, ei-la: um desvio se produz, por vezes, nos corpos que circulam



Área provável da localização da Atlântida. As regiões sombreadas correspondem a elevações do fundo do mar

no céu, em torno da terra. E, a intervalos de tempo largamente espaçados, tudo o que está sobre a terra perece então pela superabundância do fogo. Então, todos os que habitam nas montanhas e nos lugares altos, e nos lugares secos, perecem antes dos que vivem perto dos rios e do mar. Mas para nós, o Nilo, nosso salvador em muitas circunstâncias, também nos preserva dessa calamidade, transbordando. Ao contrário, outras vezes, quando os deuses purificam a terra pelas águas, os habitantes das cidades, entre vós, são arrastados para o mar pelas enxurradas. Inversamente, neste país, nem então, nem nos outros casos, as águas descem das alturas para as planícies, mas é sempre de sob a terra que elas surgem naturalmente. É por isso, diz-se, que aqui se conservaram as mais recuadas tradições. Mas a verdade é que, em todos os lugares onde não há para persegui-la nem frio excessivo, nem calor ardente, sempre existe, ora mais, ora menos numerosa, a raça dos homens. Assim, seja entre vós, seja em qualquer outro sítio de que tenhamos ouvido falar, se se deu algo de bom, grande ou notável, sob qualquer forma, tudo está aqui por escrito, desde a antiguidade, nos templos, e sua memória foi salva. Entretanto, entre vós e entre outros povos, cada vez que tudo se encontra um tanto organizado, no que tange à escrita, e o mais que é necessário à civilização, eis que de novo, a intervalos regulares como uma doença, as águas do céu recaem sobre vós e só deixam sobreviver iletrados e ignorantes. Assim, novamente vos tornais jovens, sem nada saber do que ocorreu aqui, nem convosco, nos tempos antigos. Pois essas genealogias que citastes, ó Sólon, ou ao menos o que acabastes de discorrer concernente aos vossos acontecimentos, bem pouco dife-



#### Deriva Continental - ilhas de arrasto

Aqui damos o exemplo de Madagascar e Japão. Ambas as ilhas destacaram-se de seus continentes, apresentando todas as características de "ilhas de arrasto": cordilheiras e montanhas ao longo do centro da ilha, atividade vulcânica. O Japão separou-se da Ásia, e Madagascar, da África. Note-se a linha pontilhada no território africano, numa repetição do mesmo efeito. Ao longo desta linha há atividade vulcânica.

rem de contos infantis. Além do mais, só vos recordais de um dilúvio terrestre, quando os houve numerosos, anteriormente. Não obstante, a melhor e mais bela raça dentre os homens, não sabeis que foi em vosso país que nasceu, nem que desses homens vós e toda a vossa cidade atual descendeis, pois um pouco de sua semente conservou-se. Ignorai-o porque os sobreviventes durante várias gerações morreram sem ter sido capazes de se exprimir por escrito. Sim, Sólon, houve tempo, antes da maior destruição havida pelas águas, em que a cidade que hoje é Atenas era de todas a melhor na guerra e a mais singularmente bem governada. Por ela foram cumpridos os mais belos feitos; teve as melhores organizações políticas de que já ouvimos falar sob o céu.”

Ao que Sólon maravilhou-se e, cheio de curiosidade, pediu aos sacerdotes para narrar exatamente, e de imediato, toda a história de seus concidadãos doutroa. E o sacerdote respondeu: “Não serei reticente, em respeito a vós, Sólon, por vossa cidade e mais ainda, pela Deusa que protegeu, sustentou, e instruiu vossa cidade e a nossa; contar-vos-ei. De nossas duas cidades, a mais velha é a vossa, por mil anos, pois recebeu vossa semente de Gaia e Hefáistos. Esta é mais recente. Ora, depois que esta região foi civilizada, escoou-se, mostram nossos escritos sagrados, a cifra de oito mil anos. É pois, de vossos concidadãos de há nove mil anos de cujas leis vos esclarecerei, e dentre suas elevadas ações, dir-vos-ei da mais bela. Para pormenorização, percorreremos tudo novamente, quando tivermos o lazer, tomando os textos originais.

Ora, de início comparai vossas leis às desta cidade. Encontrareis vários exemplos das que existem entre vós. Em primeiro lugar, a classe dos sacerdotes, sepa-

rada de todas as outras e posta à parte; depois, a classe dos artesãos, sendo que cada espécie de artesão exerce seu ofício separadamente, sem se misturar a nenhuma outra; a classe dos pastores, a dos caçadores, e a dos lavradores. E para a classe dos combatentes; haveis sem dúvida constatado que aqui ela é distinta de todas, e que a seus membros a lei prescreve qualquer outra ocupação, senão a da guerra. Igualmente, para a forma de seu armamento, escudos e lanças com que nos armamos, que é como os povos vizinhos da Ásia. Pois foi a Deus que, como neste lugar, vô-lo ensinou a vós primeiramente. E quanto ao espírito, vedes indubitavelmente o quanto dele se ocupa a lei daqui, desde o começo, assim como da educação, e como ela tudo nos descobriu, até a adivinhação e a medicina, que concerne à saúde, e depois as ciências divinas, até suas aplicações humanas, e como, do mesmo modo, ela nos concedeu todas as ciências que seguem-se àquelas. E é essa mesma disposição, essa mesma organização que a Deusa partilhou primeiramente convosco. Ela elegeu o lugar onde nascestes: considerou a mistura harmoniosa das estações que o tornava apto a manter os mais inteligentes dos homens. E porque esta Deusa amava simultaneamente a guerra e a ciência, querendo que esse lugar apresentasse os homens mais próximos de sua semelhança, foi a eles que escolheu para povoar, sob leis semelhantes às nossas, e ainda melhores. E ultrapassásteis a todos em todas as espécies de qualidades, como convém a rebentos e discípulos dos deuses. Numerosos e grandes foram vossos gestos e os de vossa cidade: aqui estão escritos, e são admirados. Mas sobretudo um avulta-se sobre todos em grandiosidade e heroísmo.

Com efeito, nossas escrituras relatam como

*Os proto-gregos  
contra a  
Atlântida*



vossa cidade outrora aniquilou insolente potência que invadia de um só golpe a Europa e toda a Ásia, e que sobre elas se lançava do fundo do oceano Atlântico. Pois naquele tempo podia-se atravessar este mar. Ele tinha uma ilha, diante daquela passagem que chamais de "colunas de Hércules". Esta ilha era maior que a

25 - Líbia e a Ásia reunidas. E os viajores daqueles tempos podiam passar desta ilha para as outras, e destas ilhas podiam alcançar todo o continente na margem oposta daquele mar, que verdadeiramente merecia seu nome. Pois de um lado, para dentro desse estreito de que falamos, parece que há apenas uma baía recortada, e do outro, de fora, esse verdadeiro oceano e a terra que o contorna, e que se pode chamar verdadeiramente, no sentido próprio do termo, um continente. Nesta ilha Atlântida, os seus reis formaram um grande e maravilhoso império. Este império dominava toda a ilha, assim como muitas outras, e porções do continente. Por outra, de nosso lado possuía a Líbia, até o Egito, e Europa, até a Tirrênia. Ora, esta potência, tendo uma vez concentrado todas as suas forças, empreendeu num só esforço sujeitar vosso território e o nosso e todos os que se encontram deste lado do estreito. Foi então, Sólon, que o poder de vossa cidade fez brilhar aos olhos de todos, seu heroísmo, sua energia. Pois ela destacou-se de todas as outras, pela força da alma e pela arte militar. Inicialmente encabeçando os Helenos, e depois por necessidade, só, abandonada pelas outras, atingida por perigos supremos, venceu os invasores, ergueu o troféu, preservou da escravidão os que jamais haviam sido escravos, e sem rancor, libertou todos os outros povos e nós mesmos, que habitamos no interior das colunas de Hércules. Entretanto, no tempo que se seguiu, houve tremores de terra temí-

veis e cataclismos. No espaço de um só dia e uma noite terríveis, toda a vossa armada foi engolida de um só golpe sob a terra, bem como a ilha Atlântida abismou-se no mar e desapareceu. Eis aí por que ainda hoje esse oceano é difícil e impraticável, pelo obstáculo dos fundos lodosos e baixios que a ilha, submergindo, deixou."

Escutásteis por alto, ó Sócrates, o que disse o velho Crítias consoante o que lhe fora transmitido de Sólon. Ontem, quando faláveis da cidade e dos cidadãos, maravilhava-me, recordando o que ora disse. Imaginava que, por algum acaso divino, e bem a propósito, convergistes, na maioria das cousas, com o que dissera Sólon. Mas não o quis referir incontinenti pois, pelo efeito do tempo, não me lembrava bem. Pensei que deveria antes tudo rememorar suficientemente comigo mesmo para vos contar, como o fiz. Daí vem que rapidamente aceitei a obrigação que havéis me fixado ontem. Creio, realmente, que em todas as investigações desta espécie é primacial logo supor um tema conforme as nossas intenções, e este aqui convir-nos-á talvez numa certa medida. Por isso, como ontem disse Hermócrates, logo ao sair daqui, relatei-lhes o que me ocorria, e ainda devaneando esta noite, aflorou-me quase todo o resto. Tanto é veraz, como se diz, que o que aprendemos na infância permanece na memória surpreendentemente. Eu, de fato, não sei se poderia ter lembrança de tudo o que ouvi dizer ontem, mas do que há longa data ouvi, surpreender-me-ia se algo me tivesse escapado. Tinha então tanto prazer, tão infantil alegria em escutá-lo, e o velho instruindo-me tão cortesmente ao passo que eu não cessava de interrogá-lo, que esta história permaneceu em mim como se estivesse pintada (a cera), em caracteres indeléveis. E também

*Crítias  
desenvolve o  
relato*

- 26

recontei-a a fim de encaminhar nossa conversação.

E presentemente, a isto tendiam todas essas palavras, e estou pronto, ó Sócrates, a repeti-las, não somente de uma forma sumária, mas como eu mesmo a entendi, ponto por ponto. Os cidadãos e a cidade que ontem representastes como ficção, transportá-los-emos hoje à ordem real: suporemos que se trata da nossa cidade: os cidadãos que imaginastes, diremos que são aqueles, os verdadeiros, nossos ancestrais, de quem falou o sacerdote. Haverá uma completa concordância, e não erraremos se afirmarmos que são exatamente os que naquele tempo existiram. Todos, assumindo a tarefa em comum, esforçar-nos-emos por satisfazer convenientemente, na medida de nossas forças, a ocupação que nos impusestes. Vede pois, ó Sócrates, se esse tema está bem posto ou se por algum outro devemos substituí-lo.

27 - S - E que outro tema, ó Crítias, poríamos em seu lugar que além do mais conviesse, por sua afinidade, com o sacrifício que se fez à Deusa\* hoje? E sobretudo, que não se trate de uma lenda elaborada, mas de uma verdadeira história, eis o que é notável! Pois como e onde encontraríamos outros assuntos, se aqueles abandonássemos? Impossível! Mas, em boa hora, falai, e eu, em compensação a meus discursos de ontem repousarei e escutarei.

\* Apesar de se fazer referência às Bendídiás, aqui são mencionadas as pequenas Panatenéias. Recurso cabalístico de Platão para ressaltar o tema da Atlântida e a vitória dos Mediterrâneos (v. Introdução). As Panatenéias comemoravam exatamente esta vitória.

C - Considerai então, ó Sócrates, a economia que estabelecemos para o festim que vos oferecemos. Com efeito, pareceu-nos que Timeu, aquele dentre nós que é melhor astrônomo, e quem se deu a mais trabalho a penetrar a natureza do Universo, deveria primeiramente tomar a palavra e, partindo do nascimento do Mundo, terminar pela natureza do homem. E eu, após ele, como se tivesse dele recebido os homens nascidos de sua palavra e, dentre vós, alguns especialmente instruídos por vossa orientação, deveríamos, consoante o pensamento e a lei de Sólon, fazê-los comparecer diante de nós, como juízes doutros, esses ancestrais invisíveis que nos revelou a tradição dos escritos sagrados. Mas, quanto ao resto, raciocinarei como se se tratasse de cidadãos atenienses reais e atuais.

S - Será perfeita e brilhante, ao que vejo, a maneira pela qual me proporcionareis o festim espiritual que vos propus. A vós então, Timeu, cabe falar em seguida, parece-me, não sem todavia ter invocado aos Deuses, como exige o costume.

T - De certo, ó Sócrates, todos os homens, por menos que participem da sabedoria, ou quando estão a ponto de encetar um empreendimento pequeno ou grande, sempre de alguma maneira, invocam a divindade. Quanto a nós, que discorreremos sobre o mundo, dizer como nasceu, ou se porventura chegou a nascer, por mais forte razão devemos, se é que de todo não perdemos o espírito, chamar pelo auxílio dos deuses e deusas, rogar-lhes que nossos propósitos sejam sempre em tudo que os toque, antes de tudo conforme o seu pensar, e quanto ao que nos concerne,

*Antes do conteúdo do "Crítias"; Didlogo seguinte a este, a cosmologia de Timeu*

*Exposição cosmológica de Timeu - a invocação aos Deuses*

logicamente ordenados. No tocante aos Deuses, seja então essa a nossa invoca o. E quanto ao que nos concerne, invoquemo-los também a fim de que pronto compreendais, e que eu exponha o mais claramente possível o que penso sobre este assunto.

Ora, pode-se, a meu ver, fazer em primeiro lugar as seguintes divisões:

28 - Qual é o ser eterno, e que não nasce, e qual é aquele que sempre nasce e jamais existe? O primeiro é apreendido pela inteligência e raciocínio, pois é constantemente idêntico. Quanto ao segundo, é objeto da opinião unida   sensa o irracional, pois ele nasce e morre, mas jamais existe realmente. Ademais, tudo o que nasce, nasce necessariamente pela a o de uma causa, pois   impossível que seja l  o que for possa nascer sem causa. Todas as vezes então que o demiurgo, com o olhar incessantemente fixado sobre o que   idêntico, serve-se de um tal modelo, todas as vezes que realiza em sua obra essa forma, e propriedades, tudo o que produz desta maneira é necessariamente belo. Contrariamente, se seus olhos se fixassem sobre o que nasce, se utilizasse um modelo sujeito ao nascimento, o que realizaria não seria belo. Seja então todo o Céu ou o Mundo, ou se esse ser pode receber algum outro nome apropriado, demos-lhe esse nome. Estabelecemos desde já, no que lhe diz respeito, a questão que diz mos, deve-se estabelecer ao início de qualquer cousa. Existiu sempre, não teve começo, ou então nasceu, começo a partir de um certo termo inicial? Nasceu, porque   visível e tangível e tem um corpo. De fato, tudo que assim  ,   sensível, e tudo o que   sensível e apreendido pela opinião e a sensa o, é evidentemente submetido ao devir e ao nascimento. Mas tudo o que nasceu,   necessário, como

dissemos, que tenha nascido pela a o de uma causa determinada. Entretanto, descobrir o autor e o pai deste universo é um grande feito, e quando se o descobriu,   impossível divulgá-lo a todos. Mas ainda devemos interrogar-nos, a respeito do Mundo, segundo como aquele que o conforma o realizou. Ora, se o Cosmos   belo e se o demiurgo é bom, é claro que ele mira o modelo eterno. No caso contrário, o que nem é mesmo permitido supor, teria considerado o modelo que nasceu. Ora, é absolutamente evidente para todos que o demiurgo contemplou o modelo eterno. Pois este Cosmos é o mais belo do que já nasceu, e o demiurgo, a mais perfeita das causas. Então, o Cosmos que nasceu nessas condi es foi feito de acordo com o que é objeto de inteligência e de reflexão,   idêntico. Mas se assim  ,   também absolutamente necessário que este Cosmos seja imagem de algum outro Cosmos. Ora, em qualquer matéria,   da mais alta importância partir do princípio natural. Conseqüentemente, admitiremos a respeito da distin o entre a imagem e seu modelo o seguinte: o raciocínio, assemelhando-se com os objetos que explicam o que permanece e que é fixo e translúcido para o intelecto, os raciocínios que a isso se referem, devem ser fixos e inamovíveis, na medida que   possível serem irrelut veis e invencíveis. E dessas condi es, nenhuma deve faltar. Quanto aos raciocínios que se relacionam ao que é a cópia desse ser, que portanto é uma imagem do ser, serão verossimilhantes,   propor o da verdade dos primeiros. Pois o que o ser   no devir, a verdade o é na crença. Se então,  , Sócrates, em muitos pontos, sobre muitas questões relativas aos deuses e ao nascimento do Universo, não chegarmos a nos mostrar capazes de apresentar razões integralmente coerentes e levadas à extrema

precisão, não vos surpreendais. Mas se as apresentamos, de incomparável verossimilhança, devemos nos felicitar, recordando-nos que eu que falo e vós que julgais, somos apenas homens, de forma que nos basta aceitar nestas matérias uma aproximação aceitável, e que não devemos buscar além.

S — É perfeito, Timeu, e deve-se por certo entender a tudo como ordenais. Acolhemos a vosso preâmbulo com admiração. Acabai agora de traçar o texto da lei.

*1ª parte — A obra racional, o motivo da criação: o mundo é cópia de um modelo único, vivo perfeito e eterno*

30 —

T — Digamos então por que causa aquele que formou o devir e o Universo os formou. Ele era bom, e naquele que é bom nunca lhe nasce a inveja. Isento de inveja, desejou que tudo nascesse o mais possível semelhante a ele. Que tal seja o princípio essencial do Devir e do Cosmos, ter-se-á toda a razão em aceitar esta opinião da boca de homens sábios. Deus quis que tudo fosse bom: excluiu, pelo seu poder, toda imperfeição, e assim, tomou toda essa massa visível, desprovida de todo repouso, mudando sem medida e sem ordem, e levou-a da desordem à ordem, pois estimou que a ordem vale infinitamente mais que a desordem. E nunca foi permitido, nem mesmo será, que o melhor faça algo, senão o mais belo. Tendo então refletido, percebeu que, do que é visível por sua natureza, nunca surgiria um Todo desprovido de inteligência que fosse mais belo que um Todo inteligente. E por outra, que o intelecto só pode nascer unido à Alma. Em virtude dessas reflexões, após ter colocado o Intelecto na Alma, a Alma no Corpo, formou o Cosmos, para dele executar uma obra que essencial-

mente fosse a mais bela e a melhor. Assim pois, nos termos de um arrazoado provável, deve-se dizer que o Cosmos, que é verdadeiramente um ser vivo provido de Alma e Intelecto, é assim gerado pela ação da Providência de um Deus.

Isso bem estabelecido, devemos dizer ainda o que se segue imediatamente. À semelhança de qual, dentre os viventes, o Ordenador ordenou o Cosmos? Não creiamos que tenha sido à semelhança de algum dos objetos que nascem, por serem naturalmente partes de um todo. Pois, neste caso, assemelhando-se a um ser incompleto, o Cosmos não conseguiria ser belo. Mas esse de que fazem parte todos os outros viventes, quer considerados isoladamente, quer tomados conjuntamente, estabelecemos, em princípio, que é a isso a que deve se assemelhar. Realmente, um tal modelo envolve e contém em si mesmo todos os viventes inteligíveis, assim como este Cosmos nos contém, e conosco, todos os animais visíveis. Assim, Deus tendo decidido formar o Cosmos o máximo possível à semelhança do mais belo dos seres concebíveis e de um ser em tudo perfeito, dele fez um vivente único, visível, contendo no seu interior todos os viventes que por sua natureza são da mesma forma que ele. Mas teríamos razão em afirmar desde já que existe um Céu único, ou então teria sido mais exato dizer que há uma pluralidade de céus ou mesmo um número infinito? Não: há um só, pois que teve de ser construído à imitação do modelo. De fato, esse modelo, que encerra tudo quanto seja vivente concebível, não pode nunca estar em segundo lugar, vir após um outro. Pois então seria necessário ainda um outro vivente, que aqueles envolveria, e do qual, estes por sua vez, seriam partes. Neste caso, não é dos dois primeiros,

É único

— 31

mas do que os envolve, que seria mais exato dizer que nosso Cosmos é cópia. A fim, pois, de que este Cosmos fosse símile por sua unidade à Alma ("vivente") absoluta, o que fez o Cosmos não fez nem dois Cosmos, nem um número infinito. Mas este Urano é único em sua espécie. Assim nasceu e continuará a ser.

*O corpo do mundo é indissolúvel, inteiramente formado de 4 elementos. É esférico e gira sobre o próprio eixo*

Ora, evidentemente, é necessário que o que nasce seja corporal, e, portanto, visível e tangível. Nenhum ser sensível poderia nascer como tal se estivesse privado de fogo; nem sem algum sólido, e não existe sólido sem terra. Daí vem que, Deus, começando a construção do Corpo do Cosmos, principiou para constituí-lo tomando fogo e terra. Mas é impossível que dois termos formem sós uma composição completa sem um terceiro. Pois é preciso que no meio deles haja alguma ligação que os aproxime. Ora, de todas as ligações, a mais harmoniosa é a que dá a si mesma e aos termos que ela une a mais completa das uniões. E aquela é a progressão que naturalmente a realiza da maneira mais harmoniosa. Pois quando de três números ou áreas ou sólidos quaisquer, o do meio é tal que o primeiro é em relação a si mesmo, o que é em relação ao último, e inversamente, o que o último é em relação ao médio, o médio sê-lo-á quanto ao primeiro. Então, o médio pode tomar o lugar do primeiro e do último, o último e o primeiro, o lugar do médio; temos necessariamente que todos os termos têm a mesma função, que todos desempenham uns em relação aos outros o mesmo papel, e neste caso, todos formam uma unidade perfeita. Se então o Corpo do todo devesse ter sido um plano sem espessura, uma só mediação bastaria para atribuir-se a unidade e dá-la aos termos que a acompanham. Mas, com efeito, convinha que esse corpo fosse sólido, e, pa-

32 -

ra harmonizar os sólidos, uma só mediação nunca bastaria: é necessário sempre duas. Assim Deus colocou o ar e a água no meio, entre o fogo e a terra, e dispôs esses elementos uns relacionados aos outros, tanto quanto seria possível numa mesma relação, de tal modo que o fogo é para o ar, o ar foi para a água, e o que o ar é para a água, a água o foi para a terra. Destarte, uniu e conformou um Urano visível e tangível. Por esses procedimentos e com a ajuda desses corpos assim definidos, em número de quatro, foi engendrado o Corpo do Cosmos. Por sua proporção, e por essas condições, é tão completo que, reunindo num único todo, pôde nascer indissolúvel por qualquer outra potência que não a que o uniu.

Ora, desses quatro corpos, a organização do mundo absorveu cada um na totalidade. Realmente, é de todo o fogo, de toda a água, de todo o ar, de toda a terra, que o compôs o construtor, que não deixou fora do mundo nenhuma porção de nenhum elemento, nem nenhuma qualidade. E assim o compôs, antes para que o todo fosse tanto quanto possível uma Alma perfeita, formada de partes perfeitas e, para que fosse única, nada restando de que pudesse nascer outra alma da mesma essência, e, enfim, para que fosse isento de velhice e doença. Pois ele bem sabia que num corpo composto, as substâncias quentes e frias e, de maneira geral, todas as que possuem propriedades energéticas, quando rodeiam esse composto por fora e o fazem demasiadamente, o dissolvem, aí introduzindo as doenças e a velhice, fazendo-o assim perecer. Eis por que causas e segundo que lógica Deus conformou esse Todo único, com o auxílio absoluto de todos os Todos, tornando-o perfeito e inacessível à velhice e às doenças.

- 33

### *A figura esférica*

Com relação ao seu esquema, deu-lhe o que melhor lhe convém, e que tenha afinidade com ele. Ora, ao animal que deve em si mesmo envolver todos os viventes, a forma que convém é aquela que compreende em si mesma todas as figuras possíveis. Por isso, Deus tornou o Todo em forma esférica e circular, sendo todas as distâncias iguais, do centro à extremidade. É esta, de todas as figuras, a mais perfeita e a mais completamente semelhante a si mesma. Com efeito, Deus pensava que o semelhante é mil vezes mais belo que o díspar. Quanto a toda sua superfície exterior, mui exatamente poliu-a e arredondou-a, e isso por diversas razões. Basicamente, o Todo não tinha necessidade de olhos, pois nada restava de visível além dele, nem de orelhas, pois nada mais de audível restava. E nenhuma atmosfera o rodeava exigindo respiração. Não necessitava de nenhum órgão, quer para alimentar-se, quer para rejeitar-se aquela já assimilada. Então, nada podia sair, nada podia entrar de nenhum lugar, pois que além dele, nada havia. É o próprio Todo que se dá a própria alimentação, por sua própria destruição. Todas as suas paixões e todas as suas operações se produzem nele, e por ele, seguindo a intenção de seu autor. O que o construiu pensou que seria melhor que ele se bastasse do que ter necessidades. Mãos para agarrar ou separar não teriam utilidade, e o artista considerou que não lhe eram necessários esses membros supérfluos, nem pés e nem, geralmente, de nenhum aparelho apropriado à marcha. Então aplicou o movimento corporal que lhe convinha, dos sete movimentos, o que concerne principalmente ao intelecto e à reflexão. Imprimindo-lhe uma revolução uniforme em torno de si mesmo, no mesmo lugar, fê-lo mover-se com rotação circular, pri-

*O movimento circular*

34 -

vou-o dos seis outros movimentos e impediu-o de vagar por eles. E como por esta revolução o mundo não tinha nenhuma necessidade de pés, nasceu sem pernas nem pés.

Assim foi em seu conjunto, a lógica do deus que é sempre, em relação ao que deveria nascer. Em virtude disto, fez-lhe um corpo polido, em tudo homogêneo, igual em todas as partes, a partir de seu centro: um corpo completo, perfeito, composto de corpos perfeitos. Quanto à Alma, tendo-a estabelecido no meio do corpo do Todo, estendeu-a através de todo o corpo, até mesmo além dele, envolvendo-o; círculo movimentado numa rotação. Criou assim um céu circular, único, solitário, capaz, por sua própria virtude, de permanecer em si mesmo sem precisar de nenhum outro, conhecendo e amando a si mesmo suficientemente. E por todos esses meios, engendrou-o o Deus bem-aventurado.

Mas esta Alma, de que começamos a falar depois do corpo, Deus não formou seu mecanismo numa data mais recente que a do corpo. Compondo assim, não toleraria que o termo mais antigo fosse submetido ao mais novo. Sem dúvida, nós que participamos grandemente do acaso, é normal que aqui falemos um pouco ao acaso. Mas Deus formou a Alma antes do Corpo: mais antiga pela idade e pela virtude, para comandar, e o corpo para obedecer. Eis que de que elementos e de que maneira: da substância indivisível, que se comporta sempre de maneira invariável, e da substância divisível, que está nos corpos, entre os dois, misturando-os, uma terceira espécie de substância intermediária, compreendendo a natureza do Mesmo e a do Outro. E assim formou-a entre o elemento indivisível dessas duas realidades e a subs-

*Sua divindade*

*A alma do mundo*

*Sua composição dual*

- 35

Sua estrutura  
harmônica

36 -

Significado  
astronômico

tância divisível dos corpos. Depois tomou essas três substâncias e combinou-as em única forma, harmonizando à força com o Mesmo a substância do Outro, que se deixava a custo misturar. Misturou as duas primeiras com a terceira, e das três fez uma só. Em seguida, a esse todo dividiu em número conveniente de porções, cada uma delas composta pelo Mesmo, o Outro e esta terceira. Principiou a divisão como segue. Primeiramente, separou do misto total uma porção. Tomou depois uma porção dupla daquela e uma terceira porção igual a uma vez e meia a segunda e a três vezes a primeira; uma quarta, o dobro da segunda; uma quinta, tripla da terceira; uma sexta, oito vezes a primeira; uma sétima, vinte e sete vezes a primeira. Preencheu os intervalos duplos e triplos, destacando porções da mistura primitiva, dispondo-as entre aquelas partes, tal que de cada intervalo houvesse duas mediações. A primeira supera os extremos, ou é por eles superada por uma mesma fração de cada um deles. A segunda ultrapassa os extremos por uma quantidade igual aquela por que é ultrapassada. Dessas relações nascem os intervalos já designados, intervalos novos de um mais um meio, um e um terço, um e um oitavo. Pelo intervalo de um e um oitavo, Deus completou todos os intervalos de um e um terço, deixando subsistir de cada um deles uma fração tal que o intervalo restante fosse definido pela razão dos números 256 e 243\*. E assim, a mistura na qual fizera essas divisões, pode empregá-la totalmente. Ora, toda essa composição, Deus cortou-a em dois no sentido do comprimento, tendo cruzado as duas me-

(continua na pág. 90)

\* V. ilustrações sob o título "Alma do Mundo".

**ALMA DO MUNDO** – Um dos fatores determinantes para a idéia de beleza é a disposição mútua regular das partes da figura, música ou qualquer outra composição. Esta disposição segue leis de simetria no sentido amplo, que damos aqui.

Os efeitos estéticos resultantes desta composição simétrica estão em grande parte no processo psíquico associado com a descoberta de suas leis. No caso de uma simetria complexa, tendemos a procurar o grupo mais abrangente, mais geral e depois partimos para os mais particulares.

A simetria considerada lei de composição regular de objetos estruturais, é análoga à harmonia, e assim, é uma das componentes desta harmonia.

Toda a estética e criatividade científica e artística está na capacidade de perceber estas propriedades.

A teoria da simetria é a ponte entre o finito ("o outro") e o infinito (o "mesmo"). Platão coloca a percepção e intelecção perfeitas neste meio-termo, e a esta ciência é que chama de música.

Este enfoque não leva à música apenas como deleite da alma, como se veio a entender superficialmente. A "música das esferas" celestiais, de Platão, é aquela ciência da qual depende e mesmo se constitui a alma do Mundo, e só o Espírito, em sua energia indefinível, pode aspirar a deter o conhecimento entre o infinito (a Alma) e o finito (o Mundo). Este conhecimento tem sua raiz na matemática, ou melhor dizendo, megiston mathêma, o "conhecimento supremo", que tampouco coincide exatamente com o que estamos habituados a chamar de "matemática".

Epínomis-977, d: . . . relacionados aos caracteres que se atribuem às outras disciplinas, caracteres que acabamos de analisar, dando a todas essas disciplinas o direito de existir, não há um só que subsista, mas todos ao contrário desaparecem quando dessas disciplinas se tira o conhecimento do número.

Em outros lugares, na República, Platão nos mostra que esta harmonia "musical" deve não só refletir-se na saúde psíquica da pessoa, como na "saúde" da própria República, sendo esta a sua noção de "ordem pública":

**República, III, 400-a:** A deselegância da forma, acrescentemos, a ausência de ritmo, a falta de harmonia, tudo isto é irmão da má condição de nossos propósitos, da má condição de nossa moral; e os estados contrários, condições opostas, as de uma moral sábia e boa: a um tempo seus irmãos e imagens.

**República, IV, 424-c:** Com efeito, introduzir uma nova forma de música é uma alteração da qual nos devemos guardar, como de um perigo global: nunca se toca nos modos da música sem tocar nas leis mais importantes da Polis. . .

É claro que esta não pode ser a "música" à qual nos referimos vulgarmente, mas àquela ciência das Musas, as filhas da Memória da humanidade (a deusa Mnemosina), que impedem que nos esqueçamos totalmente de nossa pátria celestial, que é nossa verdadeira origem, e que é a única que poderá ser nossa verdadeira herança.

Passamos a dar, numa forma esquemática e numa representação mais inteligível aos olhos modernos, as relações aritméticas de cunho pitagórico que Platão dá da constituição da Alma do Mundo (ou seja, do potencial de metamorfoses):

– O "mesmo" = a Unidade; o "outro" = a Dualidade. A Lua, na variação de suas fases, mostra todas as conotações entre a Unidade e a Dualidade.

– Da divisão ao meio – a oitava.

Da divisão em 1/3 – a quinta.

A quarta completa a quinta no interior da oitava.

OITAVA: o campo de ação da Alma do Mundo.

QUINTA: a unidade elementar com que se constrói este campo.

QUARTA: o movimento, a vida da Alma dentro do campo.

– Alma do Mundo = Mesmo + Outro + (Mesmo/2 + Outro/2).

Alma Humana = Outro + (Mesmo/2 + Outro/2).

(Note-se que à alma humana imperfeita falta uma parcela do Outro, do espírito angelical que não temos.)

**Timeu, 35-b:**

– Divisão da mistura do Mesmo, do Outro e da realidade:

– em primeiro lugar, separou uma porção	1
– a seguir, tomou uma porção duas vezes aquela	2
– depois, uma terceira igual a uma vez e meia a segunda ou três vezes a primeira	3
– depois uma quarta, o dobro da segunda	4
– uma quinta, tripla da terceira	9
– uma sexta, oito vezes a primeira	8
– uma sétima, vinte e sete vezes a primeira	27

**Timeu, 36:** Preencheu os intervalos duplos e triplos:

1 2 4 8

– Aqui temos duas progressões geométricas: uma de razão 2 e outra de razão 3 (as "duplas" e as "triplas").

1 3 9 27

Ou em outras palavras:

– Deus, a partir do estado inicial, não manifestado: 0

– Criou uma manifestação espiritual trinitária: 1  
2 3

– E depois toda a série de formas do mundo sensível: 1  
2 3  
4 9  
8 27

Ou ainda segundo a expressão encontrada tanto na Bíblia (Gênesis, 1-23), quanto no Poimandres (18-7) (Corpus Hermeticum - Hermes Trismegisto - Ed. Hemus):

1. "Crescei em acréscimo" – progressão aritmética (baseada na soma).
2. "Multiplicai em multidão" – progressão geométrica (baseada na multiplicação).

**Nota.**– Ao leitor curioso no desenvolvimento destas idéias, aconselha-se estudar a teoria matemática das séries. Em especial, das séries ditas "harmônicas", onde se obtém o valor do famoso número de ouro.



tades uma sobre a outra, fazendo coincidir seus meios, como um X, curvou-as para uni-las em círculo, unindo entre elas as extremidades no ponto oposto à sua interseção\*. Envolveu-as com o movimento uniforme que gira no mesmo lugar, e, dos dois círculos, fez um exterior e outro interior. O movimento do círculo exterior, designou como sendo o movimento da substância do Mesmo; o do círculo interior, como o da substância do Outro. O movimento do Mesmo, orientou-o segundo o lado de um paralelogramo, da esquerda para a direita, e o do Outro, segundo a diagonal, da direita para a esquerda. E deu proeminência à revolução do Mesmo e do semelhante, pois só ele a toleraria sem divisão. Em contrapartida, tendo seis vezes dividido a revolução interior, fez sete círculos desiguais, seguindo intervalos duplos e aos triplos, um por um, de tal maneira que houve três de cada espécie. Ordenou a esses círculos mover-se em sentidos contrários uns aos outros e quis que três dentre eles fossem movidos com velocidades iguais, e os quatro outros, com velocidades diferentes entre si, e estas, das três primeiras, mas sempre de acordo com relações regulares\*.

*Função motriz  
da alma do  
mundo*

Quando toda a construção da Alma foi realizada ao agrado de seu autor, este logo estendeu para o interior dela tudo o que é corporal, e fazendo coincidir o meio do Corpo e o da Alma, harmonizou-os. Assim, a Alma, estendida em todas as direções, do meio às extremidades do Céu (Urano), envolvendo-o em círculo, por fora, e girando em círculo sobre si mesma, e em si mesma, principiou por intervenção divina sua vida racional e inextinguível por toda a du-

\* V. ilustrações sob o título "Alma do Mundo".

ração dos tempos. E assim nasceram, por um lado, o corpo visível do Céu, e por outro, o invisível, mas participando do cálculo e da harmonia, a Alma, a mais bela das realidades engendradas pelo melhor dos seres inteligíveis, dos que existem eternamente.

A Alma é então formada da natureza do Mesmo, da natureza do Outro e da terceira substância. E composta da mistura dessas três realidades, move-se por si só em círculo, girando sobre si mesma. E na medida que entra em contato com um objeto que possua uma substância divisível ou com um objeto cuja substância seja indivisível, ela proclama, movendo-se, por todo o seu ser próprio, a cuja substância ele é idêntico e da qual ele difere. Mas difere, e relativamente a que, sob que relação, de que maneira e em que circunstâncias ele se remete às cousas que devem ter em suas relações mútuas uma ou outra dessas determinações ou modalidades, bem como suas relações com as cousas que se conservam sempre idênticas. Ora, quando um raciocínio veraz e imutável, relativo à natureza do Mesmo ou à do Outro, é acusado, sem ruído nem eco, dentro daquele que se move a si mesmo, esse raciocínio pode ser formulado em relação às cousas sensíveis. Então o círculo do Outro caminha diretamente e transmite à Alma inteira informações sobre o sensível, e podem assim se formar nela opiniões que são sólidas e verdadeiras. Inversamente, quando esse raciocínio se forma em relação ao que é objeto de lógica, assim que o círculo do Mesmo está animado de uma rotação favorável, e lhe revela aquele objeto, a inteligência e a ciência se produzem necessariamente. E aquilo em que nascem essas duas espécies de conhecimento, quem afirmasse ser algo que não a Alma, tudo poderia estar di-

*Função cognitiva  
da alma do  
mundo*

zendo, menos a verdade.

Ora, quando o Pai que o engendrou compreendeu que se movia e vivia, esse Mundo, imagem nascida dos deuses eternos, rejubilou-se e, em sua alegria, refletiu sobre os meios de torná-lo ainda mais semelhante a seu modelo. E assim como esse modelo resulta ser uma alma imortal, esforçou-se, na medida de seu poder, tornar imortal igualmente a esse todo. Ora, é a substância da alma-modelo que era eterna, como vimos, e essa eternidade, adaptá-la inteiramente a um Mundo engendrado, era impossível. Por isso, seu autor preocupou-se em fabricar uma certa imitação móvel da eternidade, e, organizando todo o Céu, fez, da eternidade una e imóvel, esta imagem eterna que progride segundo a lei dos números, isso a que chamamos o Tempo. Com efeito, os dias e as noites, os meses e as estações não existiam antes do nascimento do Céu, mas seu nascimento foi ordenado ao mesmo tempo em que o Céu foi construído. Pois tudo aquilo são divisões do Tempo: o passado e o futuro são espécies engendradas do Tempo, e quando despropositadamente os aplicamos à substância eterna, é por ignorar a natureza desta. Pois dizemos desta substância que ela era, é e será. Ora, em verdade, a expressão é só se aplica à substância eterna. Contrariamente, “era e será” são termos que convém reservar ao que nasce e progride no Tempo. Pois são apenas transformações. Mas o que é sempre imutável, inalterável, não se torna nem mais velho, nem mais novo com o tempo, e uma vez isso não tendo sido, nem sendo atualmente, tampouco o será no futuro. Bem ao contrário, uma tal realidade não comporta nenhum dos acidentes que o devir implica para os termos que se movem na ordem sensível, porém, esses acidentes são variedades do

Tempo, o qual imita a eternidade, e se desenvolve cíclicamente segundo o Número. E ademais, todas as fórmulas do gênero: o que ocorreu é o ocorrido; o que ocorrerá está ocorrendo ou: o futuro é futuro; ou ainda: o não ser é o não ser — todas essas expressões nunca são exatas. Mas o momento oportuno ainda não chegou para discutir todas essas questões com a precisão última.

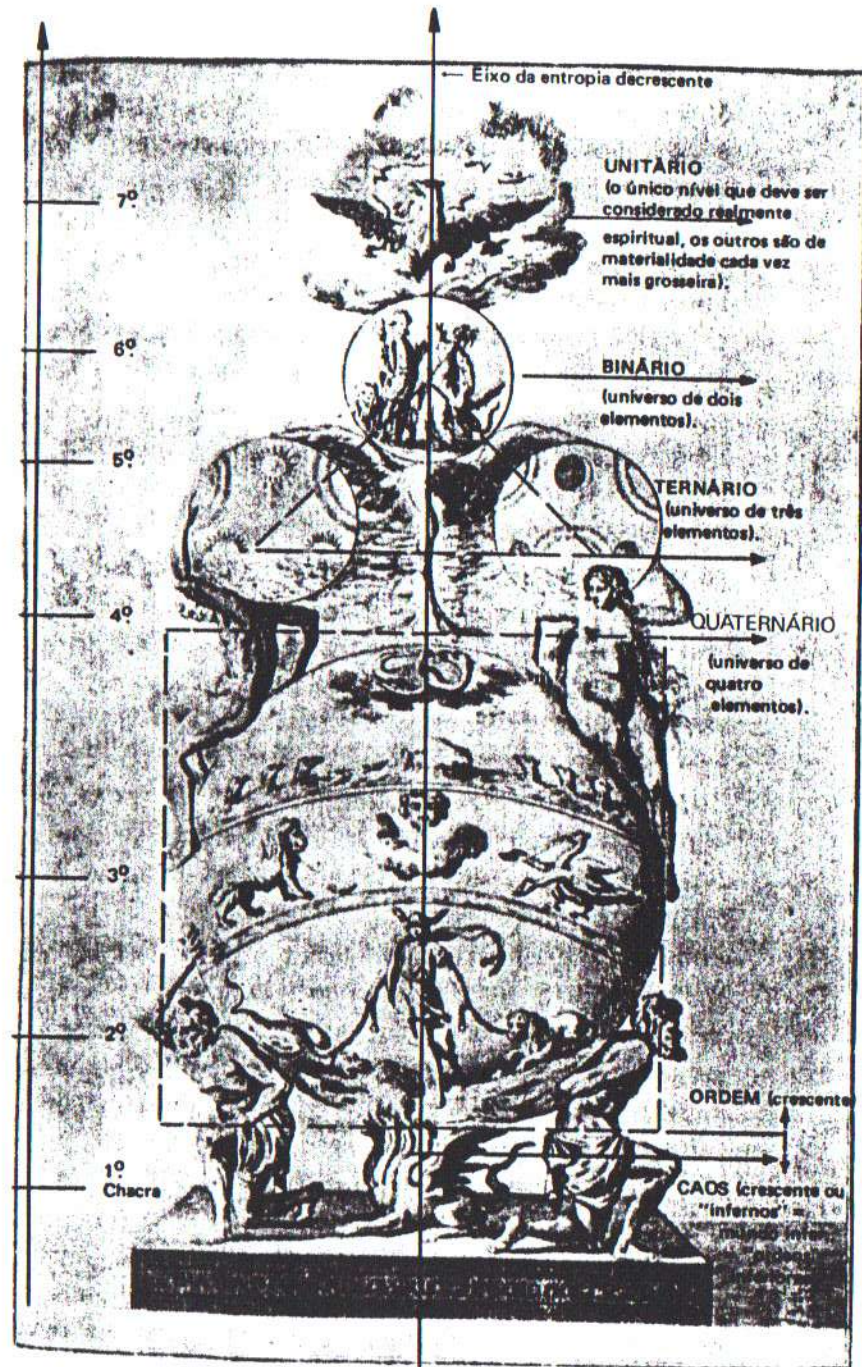
Sumariando, o Tempo então nasceu com o Céu a fim de que, nascidos juntos, também se resolvam, se é que porventura devam resolver-se; e é pelo modelo da substância eterna que foi feito, tal que se lhe assemelhasse ao máximo, segundo sua capacidade. Pois o Modelo é ser de toda a eternidade, e o Céu, em contrapartida, após o começo e em toda a seqüência da duração, foi, é e será.

Em virtude desse raciocínio e desta intenção divina concernente ao nascimento do Tempo, o Sol, a Lua e os cinco outros astros, a que se chamam de planetas, nasceram para definir os números do Tempo e dele assegurar a conservação. Tendo conformado o corpo de cada um, Deus os distribuiu em número de sete, nas sete órbitas descritas pela substância do Outro. A Lua, inicialmente, na primeira, ao redor da Terra, o Sol, em segundo lugar, acima da Terra, a estrela matutina e a que é consagrada a Hermes, de tal sorte que percorrem seus círculos com velocidade igual a do Sol, mas recebendo um impulso de direção contrária. Daí vem que o Sol, o astro da manhã e o de Hermes encontram-se um por vez, e são atingidos uns pelos outros, segundo uma lei constante. Quanto aos outros planetas, se se quisesse determinar onde Deus os colocou, e por que razões, e expô-las a todos, esta pesquisa, que é aqui acessória, acarretaria

*Os planetas,  
instrumentos da  
medida do  
tempo*

39 – mais trabalho do que o assunto principal em relação ao qual seria feita. Assim talvez, mais tarde, isso poderemos com lazer expor apropriadamente. Logo que todos os astros que eram necessários para construir conjuntamente o tempo foram colocados em marcha, cada um seguiu o movimento que lhe convinha; quando todos esses corpos mantidos em ligações animadas foram animados e apreenderam o que lhes foi ordenado, seu curso oblíquo seguindo o movimento do Outro, o movimento do Mesmo o precedia e dominava. E, pelo efeito desse movimento do Mesmo, uns tiveram um circuito menor que outros; os que tinham o circuito menor giravam mais depressa e os que tinham circuito maior giravam mais lentamente; e os que eram dotados de menor circuito, envolvidos pelos que se moviam mais lentamente pareciam, se bem que realmente os ultrapassando, ser ultrapassados por ele. Efetivamente, o movimento do Mesmo, arrastando em espiral todos os círculos, e assim os movimentos sendo duplos e de sentido contrário, o planeta que se distanciava de uma forma mais lenta desse movimento mais rápido, parecia segui-lo mais de perto. Ora, a fim de que fosse provisto em seus

Nesta alegoria alquímica do séc. XVII vemos refletida a cosmogonia hermética da mesma forma que descrita por Platão. A esfera da alma do mundo, na criação de "segunda ordem" que é o quaternário, o nosso mundo, é gerada pelo cisne, símbolo da alma do ternário, a ordem do universo imediatamente superior à nossa. Neste mesmo esquema, à esquerda, vemos a correspondência com a fisiologia do corpo sutil, segundo a ioga. O eixo central, onde indicamos a "entropia decrescente", é o "canal central" da ioga. O homem e a mulher, na parte superior da esfera da Alma do Quaternário, são os canais laterais da medula (a respiração lunar e a solar).



oito movimentos, de medida visível de sua lentidão e velocidade relativas, Deus fixou uma luminária àquela das órbitas que é colocada em segundo lugar em relação à Terra, a que ora chamamos de Sol. Assim foi feito, para que o Céu fosse inteiramente iluminado, e que as almas para as quais era conveniente que participassem do Número, que o aprendessem a conhecer à vista da revolução do Mesmo e do semelhante. Assim, e por estas razões, nasceram a Noite e os Dias, que formam a revolução do círculo único, e de todos o mais razoável. Assim nasceram o mês, quando a Lua, tendo percorrido sua órbita alcança o Sol, o ano, quando o Sol cumpriu seu círculo. Para os outros astros errantes, os homens, à exceção de minúsculo número, não se ocupando com suas revoluções, não deram nome a estas. E quando as consideram, não as comparam numericamente, se bem que ignorem por assim dizer, que também existe um tempo para esses cursos errantes que são de duração incrível e maravilhosamente variados. Todavia, não é mais difícil conceber que o número perfeito do tempo cumpriu o ano perfeito, assim que as oito revoluções, tendo equalizado suas velocidades, retornam ao ponto inicial e como medida comum a essas velocidades, o círculo do Mesmo, que possui um movimento uniforme. E assim, e por esses motivos, é que foram engendrados os astros que percorrem o céu e que retornam sobre seus passos. Quero dizer, a fim de que o Mundo fosse tão semelhante quanto possível ao Vivente perfeito (Alma perfeita) e inteligente e para mimetizar a substância eterna.

Ora, todo o resto, até o nascimento do Tempo, foi feito à semelhança desse modelo com que se parecia. Mas o Mundo ainda não compreendia em si mes-

*As 4 espécies de seres vivos conforme os 4 elementos*

mo todos os Viventes que deviam nascer nele, e por isso, sua parecença a seu modelo ainda não era perfeita. E esse arremate de sua obra Deus fez reproduzindo nela a natureza do modelo. Na medida então em que o intelecto percebe as Formas compreendidas naquilo que é o Vivente, sabe quais são e em que número Deus pensou que este Mundo igualmente devia conter as mesmas, e no mesmo número. Ora, há quatro: a primeira é a espécie celeste dos deuses; a segunda, a espécie alada que circula nos ares; a terceira, a espécie aquática; a quarta, aquela que vive na terra. De início, para a espécie divina, Deus, para sua maioria, conformou-a em fogo a fim de que fosse a mais brilhante e a mais bela de se contemplar e, formando-a à imitação do Todo, deu-lhe figura arredondada. Dispôs em sua parte mais poderosa uma sabedoria capaz de seguir a ordem do Todo, distribuiu-a em círculo pelo Céu inteiro, de tal forma que o mundo, verdadeiramente Cosmos, ordem e beleza, fosse diversificado em sua totalidade. A cada um desses deuses concedeu dois movimentos: um se produz no mesmo lugar e segundo relações invariáveis (pois cada um deles considera em si mesmo sempre os mesmos pensamentos, relacionados aos mesmos objetos); o outro se efetua para a frente, é dominado pela revolução do Mesmo e do Semelhante. Quanto aos cinco outros movimentos, esses deuses não os apresentam e nunca os terão a fim de que cada um nasça o mais perfeito possível. Afim de então, por tal motivo nasceram os astros que não erram, viventes, divinos e eternos, que sempre permanecem idênticos e giram no mesmo lugar. E os astros que vão e vêm e erram da maneira sobredita nasceram após aqueles, como se expôs. A Terra, nossa nutriz, que está premida estreitamente em torno do eixo que atra-

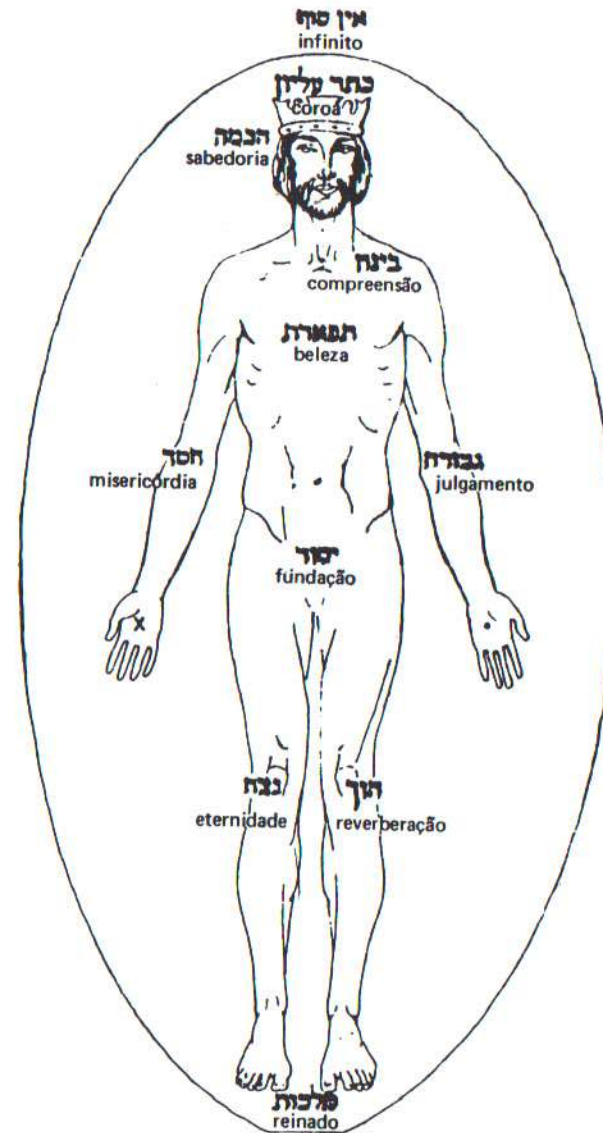
*Os astros: a divindade visível*

vessa o Todo, Deus a dispôs com esse mecanismo para ser a guardiã e a protetora da Noite e do Dia, a primeira e mais velha das divindades nascida no interior do Céu. Mas descrever os coros de dança desses astros, suas posições vizinhas, perto do horizonte, quando suas trajetórias retornam sobre si mesmas ou quando se adiantam, uns em relação aos outros, mostrar quais são, nas conjunções e oposições, os astros que se colocam face a face, e quais se opõem, quais dentre eles passam uns na frente dos outros podendo destarte ser ocultados, e em que tempos, e depois nos aparecem de novo; surpreender a sorte ou instruir dos acontecimentos vindouros os homens incapazes de raciocinar; isso seria dar-se a um trabalho inútil, se ao mesmo tempo não se fizessem ver alguns modelos construídos à imitação desses fenômenos. Eis o bastante sobre esses fenômenos, e finalizemos aqui nossa exposição sobre a natureza dos deuses visíveis e engendrados.

*Os Deuses transcendententes*

Das outras divindades, contar e conhecer sua origem, é tarefa que nos ultrapassa, e devem-se fiar os que nos precederam. Descendendo desses deuses, pelo que diziam, conheciam sem dúvida exatamente seus antepassados. E é impossível não confiar nos filhos dos deuses, mesmo quando faltam demonstrações verossímeis ou rigorosas. Mas deve-se crê-los como quer o uso quando afirmam debitar aí suas histórias de família. Eis então, segundo eles, a genealogia de tais deuses: Oceano e Tétis foram filhos de Gaia e Urano, e daqueles nasceram: Fórcus, Kronos, Rhéa e os que os acompanham. De Kronos e Rhéa nasceram: Zeus, Hera e todos os que são ditos irmãos destes, e enfim os outros, descendentes dos últimos.

Assim que todos esses deuses, tanto os que



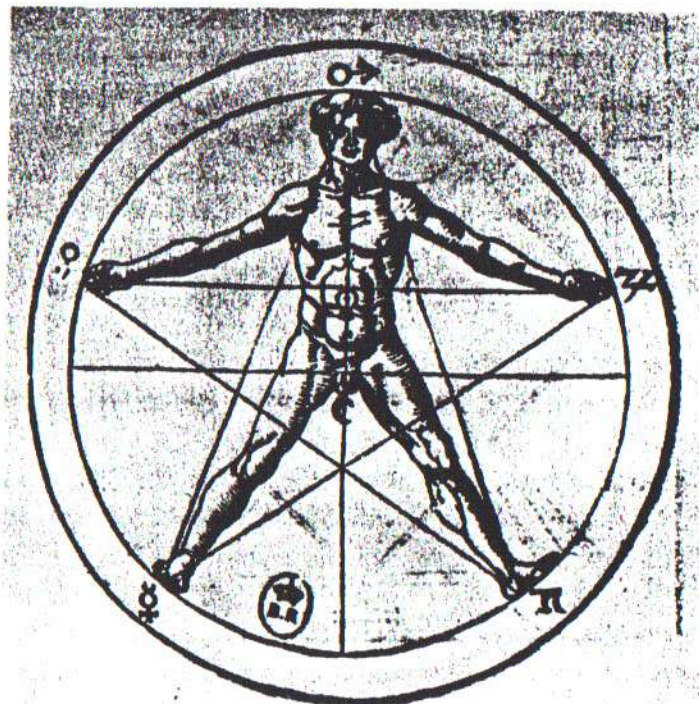
No esquema da Árvore da Vida do sistema da cabala hebraica, já vemos o conceito, universalmente aceito na Antiguidade, de que o homem é uma imagem em miniatura do universo (ou o "microcosmos" também aceito pelos gregos).

*Os mortais*

cumprem revolução visível, quanto os que se tornam visíveis na medida que desejam foram gerados, o que engendrou todo esse Mundo disse-lhes: “Deuses, filhos dos deuses de quem sou o Autor e das obras de que sou Pai, nascestes por mim, e sois indissolúveis, tanto que eu não desejaria dissolver-vos. Pois, se todo composto é corruptível, querer romper a unidade do que é harmonicamente unido e belo é perversão. Portanto, e porque nascestes, não sois imortais, nem de todo incorruptíveis. Nunca sereis dissolvidos nem sofrereis fado mortal, pois meu querer é para vós liame mais forte e possante do que aqueles com que fosteis ligados ao nascer. Agora, escutai o que minhas palavras ensinar-vos-ão. Restam três espécies mortais que ainda não nasceram. Se não o fizerem, o Céu permanecerá inacabado, pois não incluirá absolutamente todas as espécies de viventes. E é necessário que as inclua, se deve ser absolutamente perfeito. Mas se eu mesmo os gerasse, se participassem da Vida por mim, seriam iguais aos deuses. A fim de que, de uma parte, esses seres sejam mortais, e que de outra parte o Todo seja verdadeiramente o Todo, aplicai-vos, conforme vossa natureza, a fabricar seres vivos. Imitai a ação de meu poder, quando de vosso nascimento e, quanto à parte desses seres que deve levar o mesmo nome que os imortais, a parte chamada divina e que dentre eles prevalece, naqueles que desejarão sempre seguir-vos, e à justiça, eu mesmo a prepararei e vos darei a semente e o princípio. No mais, adicionando a esta parte imortal uma parte mortal, fabricai viventes, fazei-os nascer, dai-lhes o sustento, fazei-os crescer, e quando perceberem recebei-os de novo junto a vós.

*Deus constrói as  
almas*

Disse essas palavras e, retornando à cratera na qual inicialmente havia misturado e fundido a Alma



O esquema grego do homem como microcosmo. Inscrito num pentagrama associado aos astros. Desenho de Agripa de Nettesheim.

do Todo, aí verteu os resíduos das primeiras substâncias e as misturou aproximadamente do mesmo modo. Todavia, não havia mais na mistura a essência pura e invariável, mas somente a segunda e a terceira. Depois, tendo a tudo combinado, dividiu num número de almas igual ao dos astros. Distribuiu essas almas a cada um dos astros, aí postou-as como num carro e ensinou-lhes a natureza do Todo. Notificou-as das leis dos fados; que o primeiro nascimento seria estabelecido idêntico para todos os seres a fim de que nenhum fosse por ele menos bem tratado; que as almas, semea-

*Reencarnação*

das pelos instrumentos de Kronos, cada uma no que lhe convinha, deveriam dar nascimento ao vivente, de todos o mais capaz de honrar a Deus; que a natureza humana seria dupla e que, dos dois sexos, o mais vigoroso seria o que receberia mais tarde o nome de sexo masculino; que logo que as almas tivessem sido pela ação da necessidade, implantadas nos corpos, assim que a esses corpos partes se juntassem e outras se separassem, em todas essas almas nasceria necessariamente uma mesma e natural faculdade de sentir, suscitada por impressões violentas; em segundo lugar, misturado ao prazer e à dor apareceria o desejo e, além destas paixões, o medo, a cólera, e as afeições suas resultantes, ou as que são naturalmente contrárias. Se os homens dominassem essas afeições, viveriam na justiça; se se deixassem por elas dominar, viveriam na injustiça. E o que tivesse bem vivido, ao tempo conveniente ir-se-ia de novo para a morada do astro pelo qual é afetado, onde teria vida feliz e semelhante à deste astro. Ao contrário, se falhasse, metamorfosear-se-ia, tomando por um segundo nascimento a natureza feminina. E, através dessas metamorfoses, se persistisse em sua malícia, segundo a maneira pela qual tivesse pecado seria, sempre à semelhança de seu vício, transformado em animal. Não veria fim para suas atribulações e sofrimentos, antes de haver se submetido à revolução do Mesmo e do Semelhante dentro dele; toda a grande massa que por consequência ter-se-ia acrescido a seu ser, feita de fogo, ar, água e terra, esta massa tumultuosa e irracional deveria ser domada pela razão para que pudesse voltar à forma de seu estado primeiro ou melhor. — Ditou-lhes todas essas leis para inocentar-se da malícia futura de cada um dos seres; depois semeou as almas: umas sobre a Terra,

outras sobre a Lua e outras em cada um dos instrumentos do Tempo.

Após essa sementeira, abandonou aos deuses jovens a tarefa de conformar os corpos perecíveis, af juntar o que ainda poderia faltar de alma humana, e tudo o que decorresse e mesmo tomar a direção, governar esse vivente mortal com o máximo de beleza e bondade que pudessem, de maneira que não pudesse ele mesmo se tornar a causa de suas próprias infelicidades. E Deus, que a tudo regrou, permaneceu em seu estado costumeiro. Enquanto repousava, seus filhos, estando penetrados por suas instruções a elas se conformavam.

Tendo recebido d'Ele o princípio imortal do vivente mortal e imitando o demiurgo que o fizera, tomaram do potencial cósmico porções de fogo, terra, água e ar que lhe seriam restituídas um dia. Reuniram num todo as partes que tomaram, mas não por ligações fixas, como as que constituem sua própria unidade. Utilizaram, para reuni-las, juntas cerradas, invisíveis por sua minúcia, para cada indivíduo. Subseqüentemente, nesse corpo onde aflui e escoo um fluxo ininterrupto, introduziram os movimentos periódicos da alma imortal. Mas esses movimentos, assim mergulhados nessa grande correnteza, não podiam comandá-la, tampouco ser por ela comandados. Ora eram brutalmente arrebatados, ora a arrebatavam; destarte o vivente inteiro se movia, sem dúvida, mas avançava sem ordem e de maneira irracional, ao acaso. Com efeito, os seis movimentos, tinha-os todos: ia para a frente, para trás, à direita, à esquerda, para cima, para baixo. Em resumo, errava deslocando-se em todas as direções, segundo os seis lugares. Não só um fluxo abundante submergia sem cessar ao

*A alma dos mortais unida ao corpo com o auxílio dos deuses secundários*

- 43

*Desordem resultante desta união*

*As sensações*

corpo, depois saindo, assim o alimentando, mas as impressões dos objetos exteriores, atingindo a esses viventes, traziam a cada um deles perturbação ainda maior. Por exemplo, o corpo de um indivíduo chocava-se contra o fogo exterior, ou contra uma terra compacta, ou sobre a superfície escorregadia das águas ou ainda era envolvido pelo ar de um furacão de ventos impetuosos. E pelo efeito de todos esses fenômenos, movimentos atingiam por intermédio do corpo, até a alma, e a abalavam. Por isso que daí esses movimentos têm sido chamados "sensações". Ora, no instante em que se produzem, esses fenômenos imprimem à alma movimentos numerosos e mui intensos; movem-na continuamente, com a massa que não cessa de escoar, chocando com violência as revoluções. Dessa maneira, nela inteiramente entravaram por seu fluxo contrário, a revolução do Mesmo; impediram-na não somente de dominar, mas mesmo seguir seu curso. E ademais, abalaram até as revoluções do Outro. Assim, os três intervalos da progressão dos duplos e triplos, as medianas de um e meio, um e um terço, um e um oitavo e as ligações resultantes, não podendo ser resolvidas se não por Aquele que as ligou, foram multiplamente torcidas e deformadas. Os círculos sofreram todos os choques e perturbações possíveis, e a custo sua rotação pôde continuar. Tornou-se irregular, ora invertida, ora oblíqua, ora de cabeça para baixo. Semelhantemente, quando um homem é invertido, coloca a cabeça sobre a terra, os pés para cima, e, confrontando-se com outro, nesta situação, para o sujeito e para os espectadores, o que está à direita parece à esquerda e o que está à esquerda, à direita, e a ilusão é recíproca e simétrica. Quando este abalo ou outros acidentes do mesmo gênero ocorrem

freqüentemente às revoluções da Alma, quando essas revoluções encontram objetos exteriores, quer da espécie do Mesmo, quer da do Outro, chamam ao que é o Mesmo ou ao que é o Outro de nomes contrários aos nomes verdadeiros, e as sensações tornam-se mentirosas e falazes, e neste caso, nenhuma das revoluções regulares que se produzem na alma chega a dominar ou controlar. Inversamente, assim que sobre essas revoluções recaem do exterior sensações que a incluam inteiramente, bem como de todo o envoltório corporal da alma, se bem que de fato dominadas, as revoluções da alma podem parecer dominar. E, pelo efeito de todas essas afeições, a alma, quando de seu nascimento, quando acaba de ser encadeada a um corpo mortal, é de início e primitivamente irracional.

Porém, quando o afluxo de substâncias que nutrem e fazem crescer o corpo diminuiu, quando novamente retomando a calma, as revoluções da alma seguem sua via adequada e acima de tudo se estabelecem; à medida que o tempo passa, as revoluções de cada um dos círculos começam a se restabelecer em regularidade, segundo a figura que lhes é natural; essas revoluções se estabilizam; dão ao Outro e ao Mesmo seus nomes exatos e fazem com que aquele que as possui adquira o bom senso. Se ademais adiciona-se a isto algum bom método de educação, o sujeito volta à normalidade e, perfeitamente são, escapa assim da mais grave das doenças. Opostamente, se se foi negligente, se se levou uma vida sem equilíbrio, então retorna-se ao Hades, na condição de incompleto e insensato. Isso é o que poderá advir. Mas falta-nos percorrer com mais precisão o que acaba de ser esboçado, repassar o precedente, ver a respeito dos corpos, parte por parte, qual sua origem, e sobre a alma, em virtu-



de de que causas e que atos da Providência dos deuses ela nasceu. Ingentemente ater-nos-emos às opiniões mais verossímeis, pois assim é, conforme a estes princípios, que devemos regular nossa marcha.

*Anatomia  
finalista –  
cabeça*

Ora, havia duas revoluções divinas. Imitando a figura do Todo, a qual é esférica, os deuses introduziram essas revoluções num corpo esférico. É o que agora chamamos de cabeça, que é a parte mais divina e que comanda todas aquelas que estão em nós. À cabeça os deuses uniram, submeteram e deram como servidor o corpo inteiro. E proveram que a cabeça pudesse participar de tudo que tivesse movimento. Então, a fim de que, circulando sobre a terra, a qual apresenta saliências e depressões de toda espécie, a cabeça não se embaraçasse em franquear aqueles e desviar das outras, deram a ela o corpo como veículo, a fim de que se movesse com mais facilidade. Daí vem o corpo ser alongado e ter gerado quatro membros longos e flexíveis, construídos por Deus para transportá-lo. Pela fixação e apoio que esses membros lhe dão, é capaz de progredir por quaisquer lugares, transportando acima de todo o resto a morada do que há de mais divino e sagrado. Eis por que todos temos pés e mãos. E, estimando que a face anterior é mais nobre e capaz de comandar que a face posterior, os deuses nos deram a faculdade de nos movermos principalmente para aquele lado. Preciso era então que a parte anterior do corpo humano tivesse caracteres distintivos e dissemelhantes da parte posterior. Por isso, em primeiro lugar, sobre a pele da cabeça os deuses dispuseram daquele lado o rosto, e sobre este repartiram os instrumentos que servem a todas as previsões da Alma. E decidiram que a direção pertenceria àquilo que se encontra naturalmente sobre a face anterior.

*Aparelho  
locomotor*

45 –

*Rostos e órgãos  
dos sentidos*

Dentre todos estes instrumentos, conformaram primeiramente os olhos, portadores de luz, e implantaram-nos no rosto, aproximadamente pela seguinte razão. Esta espécie de fogo, que não é capaz de queimar mas apenas de fornecer suave iluminação, adequaram-no por sua arte a um corpo apropriado. Para este efeito, fizeram de modo que o fogo puro que reside dentro de nós, e que é irmão do fogo exterior, se escoasse através dos olhos de maneira sutil e contínua. Porém espessaram todo o olho, especialmente seu meio, de modo que não deixasse escapar nada do restante fogo mais grosseiro mas deixasse apenas filtrar um fogo perfeitamente puro. Assim que a luz do dia envolver essa corrente da visão o semelhante encontra o semelhante, funde-se com ele num todo e forma-se, segundo o eixo do olhar, um só corpo homogêneo. Onde quer que se apóie o fogo que jorra do interior dos olhos, encontra e choca-se com o que provém dos objetos exteriores. Forma-se assim um conjunto que tem propriedades uniformes em todas as suas partes graças à sua semelhança. E se este conjunto vier a tocar algum objeto, ou se for tocado, transmite estes movimentos através de todo o corpo até a alma e nos traz esta sensação graças à qual dizemos que enxergamos. Mas quando o fogo exterior se retira, durante a noite, o fogo interior se encontra separado dele: então sai dos olhos e cai sobre um elemento diferente dele. Modifica-se e extingue-se, pois que cessa de ser da mesma natureza que o ar circundante, que não tem fogo. Cessa a visão e leva ao sono. Com efeito, esses aparelhos protetores da visão que os deuses dispuseram, as pálpebras, quando se fecham, destroem a força do fogo interior. Esta, por seu turno, acalma e apazigua os movimentos internos.

*Olhos*

*Visão, seu  
mecanismo*

*Sono e sonho*